

Bala de Borracha

Paulo Sérgio Pinto Mendes¹

“Roncou, roncou
Roncou de raiva a cuíca
Roncou de fome
Alguém mandou
Mudou parar a cuíca, é coisa dos home”
(BOSCO, João & BLANC, Aldir. Ronco da Cuíca)

“Odeio bala de borracha, joga um Hall’s.”
“Bala de borracha cega, mas não cala.”
(Cartazes em manifestações)

“Spray de pimenta nos olhos dos outros é
refresco.”

“SIM, SENHOR! NÃO SENHOR!”
(Forma corriqueira de um soldado
perfilado responder ao seu superior)

Balas de borracha são projéteis menos letais que as ditas letais. Constituídas de *elastômero* (polímero com propriedades elásticas), podem ser encontradas nos calibres 12 gauge² (18,53 mm), 38 mm, 40 mm, 37/38 mm e 37/40 mm, tendo em sua cápsula um projétil cilíndrico, ou várias pequenas esferas. A cápsula que a envolve também é, como a dita letal, constituída de propelente de pólvora e espoleta.

¹ Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGHCTE/UF RJ

² Medida para identificar o calibre de espingardas. Por exemplo, quando maior o calibre em gauge menor o diâmetro do cano da arma.



Bala de borracha

Os lançadores de balas de borracha também tem o mesmo mecanismo das armas letais. Como funciona? Ao pressionarmos o gatilho um dispositivo interno leva para trás o martelo que ao retornar choca-se com a espoleta que provoca uma faísca, que provoca uma explosão na carga de pólvora. A pressão empurra o(s) projétil(is) para fora a uma velocidade de 240 metros por segundo com um alcance útil de 20 a 50 metros. Nos lançadores de bala de borracha, com em quaisquer armas de fogo, há três elementos heterogêneos que se completam: o cano, a ignição e o gatilho e se consolidam através de processos mecânicos, químico-físicos e balísticos interno e externo.



Lançador de balas de borracha

Como não consegui obter informações dos Poderes Públicos, das Forças Públicas e das indústrias de armas e munições menos letais sobre lançadores e balas de borracha utilizados pelas forças policiais do Estado do Rio de Janeiro, comparei imagens na internet com as minhas lembranças de resíduos de balas e das armas portadas pelos policiais durante as manifestações e penso, provavelmente, que são utilizados os lançadores o AM640 de 40mm e o AM637 de 37/38mm. A munição, provavelmente, é a AM403/P-Projetil de Borracha-PRECISION.³

Esta é uma das características da modernidade: faz um trabalho de demarcação e depois esquece pelo caminho tudo que utilizou. Entretanto, a bala de borracha, como todo não-humano, também escreve, deixa traços, assina etc., permitindo-nos, então, puxar parte da rede heterogênea que a consolidou. Concordo com John Law quando diz que “quase todas [todas, penso eu] as nossas interações com outras pessoas [entidades] são mediadas por objetos de um tipo ou de outro.”⁴ E ainda: “o conhecimento científico e as tecnologias não se

³ Em uma das manifestações em junho de 2013, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, eu recolhi em uma mochila velha pedaços de artefatos ditos não-letais utilizados pela PM. Entretanto, em um momento de distração, um policial me tomou a mochila, cheguei a esboçar retomá-la, mas diante de outros policiais que se aproximaram para auxiliar aquele que tomara a minha mochila, falou mais alto a minha preservação física.

⁴ LAW, John. “Notes on the theory of the actor-network: ordering, strategy, and heterogeneity” in *Systems Practice*, vol. 5, nº. 4, 1992, p. 381-382. No original: “...almost all of our interactions with other people are *mediated through* objects of one kind or another.”

desenvolvem no vácuo. Antes, participam do mundo social, sendo formados **por ele e**, simultaneamente, **formando-o**”⁵

A Condor Tecnologias Não-Letais, fornecedora de munições para as polícias militares, indica que as balas de borracha devem ser disparadas a uma distância mínima de 20 metros para atingir as pernas. Entretanto, tais regras não são obedecidas pelas forças policiais, cujo uso deve ser autorizado somente pelo comandante da tropa, já que não há normas para o uso de balas de borracha, gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Em São Paulo, manifestantes foram atingidos pelos projeteis a uma distância de cerca de quatro metros e dois repórteres foram pegos no rosto.⁶ Ainda, segundo a mesma reportagem, a Portaria Interministerial nº 4.226/2010 normatiza o uso da força policial. O agente de segurança pública, a partir desta Portaria, deve obedecer aos seguintes princípios: legalidade, necessidade, proporcionalidade, moderação e conveniência.

Normalmente no calibre 12 gauge, com projétil singular ou em fragmentos, a bala de borracha não perfura a pele, mas provoca ferimentos graves se atingir o rosto, a cabeça (podendo afundar o crânio) e pode ser fatal ao atingir a garganta. O Glossário (Anexo III) da Portaria Interministerial citada acima define como munição de menor potencial ofensivo aquela que é projetada e empregada para conter, debilitar ou incapacitar temporariamente pessoas, preservando vidas e minimizando danos a integridade das pessoas envolvidas.

Durante as manifestações do dia 13 de junho de 2013, na capital paulista, a repórter da *Folha de São Paulo*, Giuliana Vallone, foi atingida no olho.

Quando a gente tava subindo a Augusta, a gente deu de cara com o choque, [...] eu fiquei olhando o que o choque ia fazer porque não tinha manifestante na rua, ninguém tava jogando pedra neles, foi quando um desses policiais do choque veio um pouco mais pra frente de onde estavam as pessoas com escudo e ele apontou a arma pra mim, aquilo tinha acontecido algumas vezes naquele dia, então eu não imaginei que ele fosse atirar em mim, mas ele atirou.⁷

⁵ _____ *After method: mess in social science research*. Londres/Nova Yorque: Routledge Taylor & Francis Group, 2004, p. 12. No original: “... it is that scientific knowledge and technologies do not evolve in a vacuum. Rather they participate in the social world, being shaped by it, and simultaneously **shaping** it.”

⁶ OTAVIO, Chico & CARVALHO, Cleide. “Conselho quer frear uso de armas não letais no Brasil” in *O Globo*, Caderno País, 16 jun 2013, p.07.

⁷ Protesto em São Paulo Avenida Paulista – 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TYgBuZvzB0k> Acesso em: 23 ago 2014.



Giuliana Vallone, repórter da Folha de São Paulo

Sérgio Silva, repórter fotográfico da *Futura Press*, foi atingido no olho por bala de borracha atirada por um policial quando fazia a cobertura de um protesto contra o aumento das passagens em São Paulo, em 13 de junho de 2013. Silva perdeu o olho esquerdo e hoje usa uma prótese ocular:

Estava tudo muito pacífico, tranquilo. [...] Na hora, os policiais começaram a usar a força, com a Tropa de Choque jogando bomba de efeito 'imoral', bala de borracha, gás lacrimogêneo. Nunca tinha visto tanta truculência em um ato do tipo. Lembro perfeitamente de quando fui atingido. Era uma situação de caos generalizado, com muito barulho de bombas e enorme fumaceira. Naquela noite, a polícia não estava preocupada em quem iria atingir, de qual forma usaria seu armamento. Os policiais atiravam na direção do olhar das pessoas, no peito, na cabeça, mirando principalmente nas regiões delicadas.⁸

⁸ Disponível em: <http://fernandafav.jusbrasil.com.br/noticias/122357015/ainda-tenho-trauma-de-protestos-diz-fotografo-que-perdeu-olho-um-ano-atras?ref=home> Acesso em: 23 ago 2014.



Sérgio Silva, repórter fotográfico da Futura Press

Pedro Vedova, repórter da GloboNews, foi atingido por uma bala de borracha durante a manifestação no Rio de Janeiro, em 20 junho de 2013:

Eu estava ali fazendo a cobertura do evento com a GloboNews, a passeata aconteceu de forma tranquila como todas as vezes, até que um grupo mais exaltado chegou até a prefeitura, começou a gritar palavras contra os policiais, que ficaram agitados, e dali a confusão começou. A gente tentou pegar um posicionamento mais distante, me escondi atrás de um coqueiro. Os policiais começaram a atirar, atirar, atirar, um dos tiros acertou a minha testa. Eu caí, no momento, atordoado, dali eu fui socorrido pela equipe de segurança, que me acompanhava, e daqui eu sigo para o hospital, onde vou ser atendido.⁹

⁹ “Repórter da Globo leva tiro de borracha na testa em protesto no Rio de Janeiro.” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0voVp1bsuI> Acesso em: 23 ago 2014.



Pedro Vedona, repórter da GloboNews

Segundo o cardiologista Sérgio Timerman, diretor do Comitê de Emergências Cardiovasculares da Sociedade Brasileira de Cardiologia, as “armas de baixa letalidade, elas não deixam de ter letalidade, para ela ser realmente de baixa letalidade as pessoas que as utilizam têm de estar muito bem treinadas, porque dependendo de onde elas forem utilizadas no corpo da pessoa [...] ela deixa de ser uma arma de baixa letalidade e pode ser uma arma potencialmente perigosa para a vida”¹⁰.

O médico Milton Steinman, diretor da Unidade de Urgência e Emergência do Hospital das Clínicas, em São Paulo-SP, disse que já viu fratura de tíbia, um dos ossos mais duros do ser humano, provocada por bala de borracha. Disse ainda que as “balas são especialmente perigosas se atingirem o peito, onde as camadas de músculo e gordura são finas. O mais comum é que quebrem costelas. Mais raros, mas acontecem, são hemorragias e pneumotórax [...] causados pelo impacto.”¹¹

Em um artigo de NETO (2009)¹² foram listados 13 artigos de língua inglesa entre 1972 e 2009 sobre ferimentos torácicos causados por munições ditas não letais de borracha e plástico. Em um total de 890 casos registrados, 228 foram de ferimentos torácicos que

¹⁰ Disponível em: <http://memoria.abc.com.br/radioagencianacional/materia/2013-06-21/saiba-quais-os-riscos-do-g%C3%AAs-lacrimog%C3%AANeo-e-da-bala-de-borracha> Acesso em: 17 fev 2015.

¹¹ Disponível em: <http://luisantoniodesouza.jusbrasil.com.br/artigos/121938304/chumbo-fino-vendida-como-municao-nao-letal-a-bala-de-borracha-se-nao-mata-no-minimo-machuca-em-variados-sentidos> Acesso em: 11 mar 2015.

¹² NETO, João Rezende *at all*. “Penetrating injury to the chest by an attenuated energy projectile: a case report and literature review of thoracic injuries caused by ‘less-lethal’ munitions.” *In World Journal of Emergency Surgery*, 2009, 4:26. Disponível em: www.wjes.org/content/pdf/1749-7922-4-26.pdf. Acesso em: 17 ago 2014.

causaram 12 mortes. Os ferimentos foram os seguintes: contusão no pulmão; pneumotórax (acúmulo anormal de ar entre o pulmão e a pleura, provocando dificuldade de respiração, deslocamento do coração e alteração dos batimentos cardíacos); fratura de costela, hemopneumotórax (um pneumotórax acompanhado de sangue na cavidade pleural); fratura do esterno, tamponamento cardíaco (acúmulo de líquido no pericárdio, o sangue aumenta a pressão no coração, impedindo os ventrículos de se encherem adequadamente, provocando um bombeamento insuficiente do sangue, levando frequentemente a óbito); embolização arterial (oclusão dos vasos, provocando dilatações das artérias que podem se romper; no cérebro); ferimentos na pele; fratura da escápula, ferimentos no esôfago, lacerações no pulmão e no coração.



Efeitos da bala de borracha

Segundo a psicóloga Maria Feffermann, do Instituto de Saúde e do Comitê Contra Criminalização da Juventude Negra e do Tribunal Popular, “A bala de borracha é um grande achado para se fazer na democracia o que se faz num estado de exceção. [...] Numa democracia, a priori, não se pode matar. Então eis a bala de borracha, que ressignifica o Estado opressor, instala o medo nos movimentos sociais, escamoteia a violência contra aqueles que ousam desafiar alguns padrões estabelecidos.”¹³

¹³ Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,chumbo-fino,843582> Acesso em: 01 set 2014.

Quem, como eu, teve a oportunidade de participar das manifestações em junho de 2013 e na véspera e durante a Copa de Mundo de 2014, constatou o gradativo e explícito crescimento do aparato *bélico* do poder repressivo, seja na vestimenta do policial seja nos artefatos utilizados. Gradativamente, a imagem do policial vem confundindo-se com a do soldado das Forças Armadas. A grande imprensa, principalmente, imbricada nos interesses do grande capital e do Estado autoritário, também gradativamente vem construindo a ideia do cidadão-inimigo que deve ser criminalizado e afastado da sociedade. A própria investida de soldados do exército brasileiro em comunidades ditas conflituadas e a utilização de veículos como o *caveirão* mostram um processo de naturalização/institucionalização da opressão pública em áreas sem o mínimo de intervenção de serviços básicos por parte do Estado.

Segundo a jornalista Dorrit Harazin, entre os moradores de Ferguson (subúrbio de St. Louis, Missouri, EUA), 69% são negros (muitos abaixo da linha de pobreza). Lá, um jovem negro foi morto a tiros por um policial branco, no dia 10 de agosto de 2014. Cabe ouvi-la:

Em Ferguson, a aparição de policiais usando máscaras, portando uniforme de combate e circulando em blindados do Exército estarreceu os moradores. O uso de bombas de gás lacrimogêneo, porretes e balas de borracha contra manifestantes e jornalistas aborreceu Obama. Mas a militarização ostensiva da polícia já é um fato. Em alguns casos, não fosse pelo emblema da polícia, seria difícil saber se o sujeito de jaqueta verde e calça de camuflagem que desce de um blindado cor do deserto pertence às Forças Armadas ou à polícia.¹⁴



Policial nas manifestações de Ferguson-St.Louis-EUA

¹⁴ HARAZIN, Dorrit. “O cidadão-inimigo”. *O Globo on Line*, 17 ago 2014. Disponível em: <http://oglogo.glob.com/opiniao/o-cidadao-inimigo-13625362>. Acesso em: 18 ago 2014.



Policiais nas manifestações de Ferguson-St. Louis-EUA

Eis uma lista de equipamentos ociosos das Forças Armadas americanas recebidos pelas polícias estaduais a partir do Programa 1033¹⁵, promulgado pelo Congresso em 1997: detectores de minas terrestres, fuzis M-16, rifles 5,56 cano curto (capazes de atingir um alvo a 500 metros), silenciadores, veículos blindados de grande porte, tanques anfíbios, drones, baionetas.

No Brasil, as Forças Policiais, desde sempre preparadas para reprimir as camadas populares, diferenciavam-se claramente, seja no uniforme seja nos equipamentos utilizados, das Forças Militares, visto que estas não têm a função de proteger e sim de matar o inimigo estrangeiro. Entretanto, fica cada vez mais explícita uma polícia com interesses de classe¹⁶

¹⁵ Este Programa permite que o Departamento de Defesa americano repasse o excesso de equipamentos militares para os órgãos policiais locais.

¹⁶ THOMPSON. E. P. *A formação da classe operária inglesa – I. A árvore da liberdade*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 9-10. “Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno **histórico**. [...] Como qualquer outra relação é algo fluido que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura. [...] A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.” A este conceito de classe construído por Thompson, eu acrescentaria o conceito de tradução, que obtive a partir dos estudos de ciência-tecnologia-sociedade (CTS), que permite fundir interesses de uma maneira mais sutil. Tradução implica em deslocamento, traição, transformação, modificação, ambiguidade. Significa que se parte da não equivalência entre interesses; portanto, o objetivo da tradução é tornar equivalentes duas

(das classes proprietárias de valores predominantes), que entende qualquer reivindicação como um ato que deve ser repugnado e seus participantes como cidadãos-inimigos que devem ser criminalizados. O cidadão-inimigo vai de encontro ao conceito de cidadão de caráter liberal burguês (sujeito racional; pacífico; livre das imposições religiosas; que respeita as individualidades e a propriedade, mesmo quando esta não atende ao caráter social determinado na Constituição Federal de 1988; que reivindica dentro dos preceitos acima, apesar das camadas populares quase sempre nunca serem atendidas).

As *laçadas* de redes sociotécnicas heterogêneas que borram a diferença entre Forças Policiais e Forças Militares, que veem os manifestantes como cidadãos-inimigos e criminosos, estão sendo *naturalizadas/institucionalizadas* no cotidiano ao reprimirem, por exemplo, as lutas pela manutenção das garantias sociais e dos direitos trabalhistas, as lutas por uma educação pública de qualidade e igualitária, o direito de utilizar os espaços das cidades democraticamente etc.

Senão vejamos: “A Polícia Militar e jovens que participavam de um ‘rolezinho’ entraram em confronto no início da noite deste sábado [11.01.2014] em São Paulo [no Shopping Itaquera, na Zona Leste da capital paulista]. No confronto, a polícia utilizou balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo...”¹⁷

Ou então:

A truculência da polícia do estado contra professores é apenas mais uma das que se praticam contra a sociedade. É a forma de impedir que floresça [...] o projeto dos educadores [por uma educação pública de qualidade], coisa que governos subordinados aos interesses dos ‘senhores do engenho contemporâneo’ não aceitam [...] O que os governantes desejam oferecer aos filhos dos trabalhadores não é educação. Mas apenas merenda e diploma [e baixa qualificação, nenhum senso crítico e constituição de não-cidadania].¹⁸

Ou ainda: “O uso de balas de borracha não está descartado no protesto contra o aumento da passagem de ônibus na região metropolitana de Goiânia marcado para amanhã na Praça dos Bandeirantes. [...] Na ocasião, o uso ou proibição de vinagre pelos manifestantes também serão discutidos.”¹⁹ (sic)

proposições que, inicialmente, nada têm em comum. Assim, interesses particulares podem tornar-se robustamente vinculados, fazendo com que a destruição de um significará ameaça de destruição do outro. São laçadas de redes sociotécnicas extremamente sutis e úteis para manter grupos juntos.

¹⁷ Disponível em: <http://www.cenariomt.com.br/noticia/337923/policia-usa-bala-de-borracha-para-conter-rolezinho-em-sp.html> Acesso em: 24 ago 2014.

¹⁸ DAMASCENO, João Batista. “Merenda, diploma e bala de borracha” in *O Dia*. Rio de Janeiro: 02 out 2013, p.18.

¹⁹ Disponível em: <http://goias24horas.com.br/11022-policia-militar-goiana-avisa-que-pode-usar-bala-de-borracha-nesta-quinta-esta-errada-e-da-tempo-de-corriger/> Acesso em: 24 ago 2014.

Mais ainda: “A reintegração de posse de um prédio da operadora de telecomunicações Oi no Rio de Janeiro resultou em confronto violento nesta sexta-feira [11.04.2014] entre invasores e a polícia. [...] Os policiais utilizaram bombas de gás, spray de pimenta e balas de borracha para entrar no local.”²⁰



Policiais na reintegração de posse do prédio da OI - Rio de Janeiro-RJ

István Mészáros (2011, p.997) transcreve um trecho, e aqui faço o mesmo, de uma entrevista à *Der Spiegel*, em 1957, dada pelo escritor alemão Conrad Rheinhold, que abandonou a Alemanha Oriental e durante um período trabalhou no lado Ocidental alemão. Assim diz Rheinhold: “No Leste espera-se que o teatro político mude a sociedade, mas não é permitido falar sobre nada; no Ocidente, é permitido falar sobre tudo o que se queira, mas não é permitido mudar absolutamente nada.”²¹ Diante da incapacidade de democracias liberais oferecerem serviços públicos de qualidade exigidos em particular nas capitais dos estados brasileiros e do desmonte das políticas de bem-estar social em particular na Europa Ocidental, é construída principalmente pela grande imprensa e o governo a ideia da defesa da repressão, salvaguardando, assim, o Estado. É relativamente fácil ser liberal em uma sociedade na qual os dissensos são neutralizados e ignorados. Entretanto, em momentos de crise, os mitos de

²⁰ Disponível em: <http://br.reuters.com/article/domesticNews/idBRSPEA3A05E20140411> Acesso em: 24 ago 2014.

²¹ MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2011, p. 997.

sociedade pacífica, país do todos caem por terra e a defesa intransigente do capital e da propriedade privada emergem.

Na greve dos ônibus em fevereiro de 2012, a juíza Patrícia de Fúcio Lages de Lima, da 11ª Vara Cível, na **madrugada (grifo meu)**, determinou que 80% da frota circulassem nos horários de pico. **(sic)**²² Em uma greve dos metroviários, o Tribunal Regional do Trabalho-TRT da 2ª Região, em São Paulo, exigiu que 100% das composições trafegassem nos horários de pico do metrô paulistano e caso houvesse descumprimento, o valor da multa a ser paga pelo Sindicato dos Metroviários seria de R\$ 200 mil por dia a ser cobrado imediatamente através da apreensão de bens dos responsáveis. **(sic)**²³

Mais uma grande laçada. Se mais tempo e espaço tivesse, outras tantas laçadas poderiam ser apresentadas na materialização (*naturalização/institucionalização*) do uso da bala de borracha por parte do Estado e de seus poderes repressivos no intuito de criminalizar os movimentos sociais populares.

Após um conflito entre policiais e manifestantes durante um ato de solidariedade aos professores do Rio de Janeiro, em outubro de 2013, na Praça da República, em São Paulo, a polícia enquadrou um casal no artigo 15 da Lei de Segurança Nacional (lei 7.170/1983). Segundo a polícia, havia na mochila, encontrada com o casal, explosivos e bombas de gás lacrimogêneo e ambos incentivaram os ataques a um posto de gasolina e a uma viatura da polícia.²⁴ O citado artigo tem a seguinte redação: “Praticar sabotagem contra instalações militares, meios de comunicações, meios e vias de transporte, estaleiros, portos, aeroportos, fábricas, usinas, barragem, depósitos e outras instalações congêneres.”

Eu concordo com a concepção macbethiana de que “a vida é uma história contada por um idiota, cheia de som e de fúria, significando nada”, e não com a concepção hegeliana que a história tem uma direção, qual seja, ampliar a liberdade humana através da razão. Portanto, cabe a nós, trabalhadores, a responsabilidade de construir uma sociedade igualitária.

Finalizo, recorrendo a três pequenos exemplos referentes à história da segurança pública no Brasil.

Em 10 de maio de 1808, dois meses após a chegada da dita família real ao Rio de Janeiro, foi criada a Intendência Geral da Polícia da Corte e do Estado do Brasil: “A ideia principal [...] era de organizar e disciplinar os costumes da população aos moldes da

²² Disponível em: <https://blogpontodeonibus.wordpress.com/2012/02/15/greve-de-onibus-em-curitiba-mais-uma-reuniao-no-trt/> Acesso em: 11 mar 2015.

²³ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/06/02/trt-de-sao-paulo-exige-100-de-efetivo-no-metro-em-caso-de-greve-e-dobra-valor-da-multa-a-sindicato.htm> Acesso em: 11 mar 2015.

²⁴ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/casal-presos-em-protesto-em-sp-enquadrado-na-lei-de-seguranca-nacional-10290793> Acesso em: 14 set 2014.

civilização portuguesa.”²⁵ Diante das lacunas deixadas pela Intendência, não foram descartados os serviços dos capitães do mato, “suas atividades foram reorganizadas por Dom João VI através do Aviso Régio nº17 de 22 de Abril de 1813, que esclarecia entre outros pontos, que somente as câmaras poderiam nomeá-los e por tempo determinado.”²⁶ Em 13 de maio de 1809, foi criada a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia (marco de fundação da Polícia Militar do Rio de Janeiro), “seu primeiro comandante foi José Maria Rabelo auxiliado por Miguel Nunes Vidigal, [...] figura apta a seu cargo e causava terror aos não adaptados às novas normas morais vigentes”.²⁷

Referências bibliográficas:

EGE, Flávio Tadeu. **Uma breve história da polícia no Brasil. Críticas a militarização e seu caráter oligárquico.** São Paulo: Clube dos Autores, 2012.

LAW, John. **After method: mess in social science research.** Londres/Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2004.

_____. “**Notes on the theory of the actor-network: ordening, strategy, and heterogeneity**” in *Systems Practice*, vol. 5, nº. 4, 1992

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2011.

NETO, João Rezende *at all.* “**Penetrating injury to the chest by an attenuated energy projectile: a case report and literature review of thoracic injuries caused by ‘less-lethal’ munitions.**” In *World Journal of Emergency Surgery*, 2009, 4:26.

THOMPSON. E. P. **A formação da classe operária inglesa – I. A árvore da liberdade.** Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

²⁵ EGE, Flávio Tadeu. *Uma breve história da polícia no Brasil. Críticas a militarização e seu caráter oligárquico.* São Paulo: Clube dos Autores, 2012, p.26.

²⁶ *Ibid.* p.27 e 28.

²⁷ *Ibid.* p.29 e 30.